

J. T. PARREIRA

TRAVESSIA DO MAR VERMELHO E OUTROS POEMAS

Paso del Mar Rojo y otros poemas

Traducción de A. P. Alencart



J. T. PARREIRA

**TRAVESSIA DO MAR VERMELHO
E OUTROS POEMAS**

Paso del Mar Rojo y otros poemas

Traducción de A. P. Alencart



J. T. Parreira
TRAVESSIA DO MAR VERMELHO
E OUTROS POEMAS
Paso del Mar Rojo y otros poemas
TIBERÍADES

J. T. PARREIRA

**TRAVESSIA DO MAR VERMELHO
E OUTROS POEMAS**

Paso del Mar Rojo y otros poemas

Selección de José Brissos-Lino y A. P. Alencart

Presentación de José Brissos-Lino

Traducción de A. P. Alencart

Diseño y edición de Sammis Reachers



TRAVESSIA DO MAR VERMELHO E OUTROS POEMAS

Paso del Mar Rojo y otros poemas

© J. T. Parreira

© TIBERÍADES Ediciones

Colección de Poesía | EN MEMORIA

Salamanca, España, 2019

<http://tiberiades.org/>

© Traducción de A. P. Alencart

© Presentación de José Brissos-Lino

Imagen de portada: El paso del Mar Rojo (fragmento),
de Nicolas Poussin

Primera portadilla: Cruce del Mar Rojo (fragmento),
de Lidia Kozenitzky

Segunda portadilla: El rey David, de Marc Chagall

Diseño y edición: Sammis Reachers

ÍNDICE

J. T. Parreira: Um poeta debruçado no céu	11
<i>J. T. Parreira: Un poeta inclinado en el cielo</i>	19

TRAVESSIA DO MAR VERMELHO E OUTROS POEMAS

Paso del Mar Rojo y otros poemas

Travessia do Mar Vermelho	29
<i>Paso del Mar Rojo</i>	30
A fonte	31
<i>La fuente</i>	32
A dúvida dos amigos de Emaús	33
<i>La duda de los amigos de Emaús</i>	34
Estátua de sal	35
<i>Estatua de sal</i>	36
Salmo profano	37
<i>Salmo profano</i>	38
O cântico de Habacuque	39
<i>El cántico de Habacut</i>	40
Sansão e Dalila, de Rubens, 1609	41
<i>Sansón y Dalila, de Rubens, 1609</i>	42
Transcrição de uma conversa pessoal	43
<i>Transcripción de una charla personal</i>	44

Sozinho no jardim	45
<i>Solo en el jardín</i>	46
Um soneto imperfeito	47
<i>Un soneto imperfecto</i>	48
eclesiastes, 2	49
<i>eclesiastés, 2</i>	50
Jonas	51
<i>Jonás</i>	52
O profeta Elias entra no céu	53
<i>El profeta elías entra en el cielo</i>	54
Jó	55
<i>Job</i>	56
Poema um ano depois da partida de um amigo	57
<i>Poema un año después de la partida de un amigo</i>	58
Os hóspedes de Lot	59
<i>Los huéspedes de Lot</i>	60
Magnificat	61
<i>Magnificat</i>	62
Nazareth	63
<i>Nazaret</i>	64
Viveu sempre sem casa	65
<i>Vivió siempre sin casa</i>	66
A última ceia	67
<i>La última cena</i>	68

No dia da sua morte	69
<i>En el día de su muerte</i>	70
De Ti amarei tudo	71
<i>De Ti amaré todo</i>	72

LEMBRANDO DAVID

Recordando a David

David	74
<i>David</i>	75
David e Bate-seba	76
<i>David y Betsabé</i>	77
A estrela de David	78
<i>La estrella de David</i>	79
Salmo que poderia ser de David	80
<i>Salmo que podría ser de David</i>	81
A lição de música	82
<i>La lección de música</i>	83
Elegia de David quando perdeu um filho	84
<i>Elegía de David cuando perdió un hijo</i>	85
<i>Biobibliografía del autor</i>	86

J. T. PARREIRA (1947-2018): UM POETA DEBRUÇADO NO CÉU

João Tomaz Parreira (1947-2018) – com a assinatura literária de J.T. Parreira – foi talvez o maior poeta cristão evangélico de língua portuguesa que conheci, a par do brasileiro Joanyr de Oliveira (1933-2009), e era meu amigo pessoal há cerca de 45 anos.

Os seus interesses essenciais centravam-se na interacção entre a divindade e a humanidade, mas as suas preocupações eram invariavelmente com o ser humano, na sua relação com Deus, mas também em tudo o que tem que ver “com a profundidade, os valores, a beleza e o sofrimento dos homens”, como o próprio bem expressou em entrevista concedida a um programa de televisão em 2002.

Na sua já significativa bibliografia, o autor, que publicou desde 1966 até sua morte, revisita, nos poemas que nos oferece, nomes relevantes da literatura e da cultura universal, como Cervantes e os seus famosos D. Quixote de La Mancha e Sancho Pança, o clássico Homero, e sua Penélope aguardando Ulisses, assim como o próprio herói e outras figuras da Odisseia, mas também vultos relevantes da música, como Stravinsky e da pintura, como Van Gogh.

Indo muitas vezes buscar inspiração a outros autores e poetas, que transcrevia em epígrafe, J.T. Parreira reflectia

nos seus versos também sobre a vida quotidiana do comum dos mortais. O poeta via, nos passos repetidos do dia, na monotonia dos gestos, na ocupação habitual dos espaços e na liturgia dos procedimentos, significâncias que escapam à ditadura da exegese tradicional dos hábitos adquiridos.

O universo bíblico foi, porém, a linha de inspiração e opção literária por excelência que acompanhou o autor desde sempre, e que mantinha num vasto conjunto de poemas da sua obra.

Mas João Tomaz Parreira abordou ainda a ruralidade e o bucólico, a inspiração das artes plásticas, área que lhe interessava particularmente, o mundo da música, que tanto apreciava, ou mesmo certos momentos inscritos na História. E ainda sobrava espaço para questões mais profundas como a morte, as angústias humanas, ou uma certa espiritualidade, entre outras.

O autor, que não se limitou a escrever mas que surgia igualmente como esforçado divulgador do trabalho de poetas estrangeiros, que regularmente traduziu para a língua lusa, tinha, por sua vez, poemas seus traduzidos noutras línguas, além do castelhano – de que são exemplo as edições bilingues – como é o caso das línguas inglesa, italiana e turca.

J.T.Parreira, ganhou vários prémios literários, e era presença assídua na blogosfera e na internet, assim como colaborador regular na imprensa, sendo autor de verbetes

em dicionários, prefácios de obras de outros autores, textos para catálogos de exposições de pintura e para livros sobre artes plásticas. Integrou também júris de concursos literários e proferiu palestras e conferências sobre literatura e cultura portuguesas. Foi ainda a primeira figura agraciada com o título de “doutor honoris causa”, pela Universidade Sénior de Setúbal, Portugal, em Julho de 2010.

“A poesia não se inventou para cantar o amor” esclarece Eça de Queiroz em “A Correspondência de Fradique Mendes”, resistindo talvez a uma certa tendência sua contemporânea para a lamechice, uma espécie de pecado original do Romantismo. Pelo contrário, o escritor defende que a Poesia *“nasceu com a necessidade de celebrar magnificamente os deuses, e de conservar na memória, pela sedução do ritmo, as leis da tribo.”* Talvez por isso o autor se tenha dedicado a celebrar a divindade, mas também fizesse questão de passar em revista na sua poética as memórias de infância que o marcavam. Uma questão de conservar vivas tanto a fé como a memória.

Sabendo-se que o homem é inseparável da sua circunstância, como dizia Ortega y Gasset, as memórias não nos pertencem, como uma espécie de sótão das velharias, ou como peças de uma mobília antiga que nos habituámos a ver num dado espaço físico que habitamos. As memórias não só fazem parte da massa humana de que somos feitos como a determinam, em larga medida, daí a sua importância. Daí o interesse que a Poesia tem por elas.

Já Pablo Neruda, em “Nasci para Nascer” (o seu discurso na entrega do Prémio Nobel da Literatura, em 1971), que se recusava terminantemente a dar orientações a outros sobre a arte poética, dizia pensar da Poesia que *“é uma acção passageira ou solene em que entram em doses medidas a solidão e solidariedade, o sentimento e a acção, a intimidade da própria pessoa, a intimidade do homem e a revelação secreta da Natureza.”* Isto é, tanto o fortuito como o pensado, tanto o profano como o sagrado, tanto o ser humano na sua solidão e interioridade como na relação e interacção com os outros e com o mundo, tanto a reflexão como a acção, constituem o espaço privilegiado e vocacional da Poesia. Talvez por isso, J. T. Parreira vai desde momentos intimistas à vida quotidiana e comunitária, desde a história judaico-cristã à mitologia greco-romana, do homem da rua aos artistas, músicos e poetas, do lado mais negro da Europa hitleriana à pureza de uma criança ou ao voo de uma ave num límpido céu azul.

É de facto difícil, para não dizer inglória, a tentativa de compartimentar o produto poético de um autor. Ou mesmo, diria até, classificá-lo de forma rígida. De certa forma é isso que defende Eugénio de Andrade no “Rosto precário”: *“O acto de criação é de natureza obscura; nele é impossível destrinçar o que é da razão e o que é do instinto, o que é do mundo e o que é da terra.”* Tudo se mistura, se confunde e se faz presente no universo do sentir poético.

Por outro lado o poeta é indissociável da sua Poesia, muito embora por vezes o eu-poético que se apresenta expresse sentimentos que não o animam enquanto pessoa no momento em que escreve, porque o poeta vive também pelos outros. Observa o sofrimento dos homens e das mulheres, reflectindo sobre ele mas sem se conformar passivamente com a sua fatalidade e aceitação passiva. De acordo com Teixeira de Pascoaes em “A Saudade e o Saudosismo”, *“sem Poesia não há Humanidade”*, já que ela constitui *“a mais profunda manifestação da nossa alma”*.

Todavia, de uma forma geral, é inevitável que *“o poeta vai nascendo com o poema”* – como acrescenta Eugénio de Andrade – *“para a mais efémera das existências”*, já que são as palavras e a sua circunstância que vão criando o poeta, de modo a que este *“se extinga para dar lugar à fulguração do poema”*, ou *“que deixe de ser para que o poema seja, e dure, e o seu fogo se comunique ao coração dos homens.”*

Mas a originalidade de J. T. Parreira provavelmente não advém do seu instinto ou de qualquer intuição secreta que lhe assistisse. Edgar Poe, na sua “Filosofia da Composição”, diz que é necessário perseguir essa originalidade, procurá-la com afinco, mas defende que tal princípio *“exige menos invenção do que negação”*. Quer o escritor dizer que *“as opções e rejeições longamente ponderadas, as tão difíceis emendas e acrescentos”*, afinal, constituem o *modus operandi* do poeta.

Essa é uma das dificuldades e angústias de quem escreve, deixar para trás uma parte de si, em detrimento de outras, naquele dado momento do acto criador, por efeito das tais

opções, negações e rejeições, como quem se obriga a escolher um único caminho, quando tem vontade de seguir por dois ou três ao mesmo tempo, sob pena de não sair do mesmo sítio.

O facto de uma das temáticas recorrentes nos escritos do autor ser o holocausto nazi, sem esquecer um dos seus últimos livros de poemas, “Os sapatos de Auschwitz”, porque a temática lhe interessa muito, enquanto demonstração eloquente mas sempre surpreendente da bestialidade humana, devidamente documentada pela história do século vinte, tal não implica que João Tomaz Parreira ou alguém seu próximo a tivessem vivido directamente.

É curioso que Fernando Pessoa, em “Heróstrato”, afirma ser muito mais fácil *“escrever um bom poema a respeito de uma mulher que lhe interessa muito do que a respeito de uma mulher pela qual está profundamente apaixonado”*, já que a grande emoção é egoísta e *“deixa as mãos demasiado frias para escrever.”* O distanciamento quanto baste será, portanto, bom conselheiro, quando se trata de escrever sobre momentos e experiências de vida que invocam profunda comoção ou inusitado sofrimento.

Para os que ainda pensam que a intelectualidade portuguesa tem menos conteúdo do que a da Europa do norte – por exemplo, a alemã – porque a história e a cultura literárias na língua de Camões se estribam preferencialmente na Poesia, ao contrário de outros, de tradição mais filosófica, direi como Aristóteles, que *“a*

poesia é mais profunda e filosófica do que a história.” Provavelmente, para o velho filósofo grego, a História será um registo interpretativo da complexidade de factos e intenções do já vivido, mas a Poesia será um registo sempre presente dos sentimentos e emoções, sendo que o mundo sensorial explica e implica muitas vezes mais do que a pura e fria racionalidade. E Platão parece concordar com a ideia, quando afirma que *“a poesia está mais próxima da verdade vital do que a história.”*

A universalidade temática observada na poesia do autor diz-nos alguma coisa, não apenas sobre a sua vasta cultura literária, e a sua riqueza como pessoa permanentemente atenta ao mundo dos homens, mas sobretudo sobre as suas preocupações como ser humano, com os outros seres humanos, seus irmãos, tendo em conta os seus sofrimentos, as suas angústias existenciais, as circunstâncias de vida que experimentam, incluindo as lutas, fracassos e vitórias, contingências típicas de quem não se consegue salvar a si mesmo.

Mas o facto é que também a estética, a beleza, a espiritualidade e a esperança habitam simultaneamente a sua poesia, na revelação de alguém que, sendo conhecedor das sombras da existência humana, ainda assim consegue abrir-nos uma janela oportuna de ar e luz, de forma a podermos ver os pássaros no seu voo matinal. Um pouco na linha de Destoievsky (creio), que pensava que *“só a beleza salvará o mundo”*. A arte poética do autor é, portanto, extremamente genuína, ostentando a sua marca pessoal.

Quanto a mim, posso dizer que aprendi a entrar e trabalhar na minha própria oficina de poesia com João Tomaz Parreira, e com ele percorri inúmeras milhas nas veredas poéticas. Por isso mesmo receio que tal circunstância não faça de mim, talvez, a pessoa mais isenta para discorrer sobre a sua pessoa e obra. Até porque, se como nos diz Florbela Espanca, ser poeta, *“é ser mais alto, é ser maior / do que os homens! / Morder como quem beija!”*, e outras radicalidades do género, convenhamos que se trata de um ofício exigente e até perigoso...

Mas creio que vale bem a pena prestar atenção à arte poética e dar-mo-nos o direito de nos deliciar, quando a poesia de J. T. Parreira nos ajuda a ver que, e cito extracto do poema “Encomenda a Stravinsky”:

“Stravinsky
acende pássaros
A partitura de onde os anjos
puxam as rédeas dos címbalos
e pastores sobem com os rebanhos
nas vigílias do céu
A partitura de onde um arco
de *cello* cerra o silêncio.”

José Brissos-Lino
Setúbal, Fevereiro de 2019

J. T. PARREIRA (1947-2018): UN POETA INCLINADO EN EL CIELO

João Tomaz Parreira (1947-2018) – con la firma literaria de J.T. Parreira – fue tal vez el mayor poeta cristiano evangélico de lengua portuguesa que conocí, a la par del brasileño Joanyr de Oliveira (1933-2009), y era mi amigo personal cerca de 45 años.

Sus intereses esenciales se centraban en la interacción entre la divinidad y la humanidad, pues sus preocupaciones eran, invariablemente, con el ser humano en su relación con Dios, y también en todo lo que tiene que ver “con la profundidad, los valores, la belleza y el sufrimiento de los hombres”, como él mismo comentó en una entrevista concedida a un programa de televisión en 2002.

En su ya significativa bibliografía, el autor, que publicó desde 1966 hasta su muerte, revisita en sus poemas nombres relevantes de la literatura y de la cultura universal, como Cervantes y sus famosos D. Quijote de la Mancha y Sancho Panza, el clásico Homero y su Penélope esperando a Ulises, así como el propio héroe y otras figuras de la Odisea, además de personajes destacados de la música, como Stravinsky, y de la pintura, como Van Gogh.

Yendo muchas veces a buscar inspiración en otros autores y poetas, que transcribía en epígrafes, J. T. Parreira

también reflexionaba en sus versos sobre la vida cotidiana del común de los mortales. El poeta veía, en los pasos repetidos del día, en la monotonía de los gestos, en la ocupación habitual de los lugares y en la liturgia de los procedimientos, significancias que escapan a la dictadura de la exégesis tradicional de las costumbres adquiridas.

El universo bíblico fue, sin embargo, la línea de inspiración y opción literaria por excelencia que acompañó al autor desde siempre, y que mantenía en un amplio conjunto de poemas de su obra.

Pero también João Tomaz Parreira trató la ruralidad y lo bucólico, la inspiración de las artes plásticas, área que le interesa especialmente, el mundo de la música, que tanto apreciaba, o bien algunos momentos señeros de la Historia. Además le quedaba espacio para cuestiones más profundas, como la muerte, las angustias humanas o una cierta espiritualidad, entre otras.

El autor, que no se limitó a escribir lo suyo sino que también fue un esforzado divulgador del trabajo de poetas extranjeros que traducía a la lengua portuguesa, tenía también poemas suyos traducidos a otros idiomas más allá del castellano – de que son ejemplo las ediciones bilingües– como es el caso de las lenguas inglesa, italiana y turca.

J. T. Parreira ganó varios premios literarios y tenía presencia constante en la blogosfera y en Internet, colaboró regularmente en la prensa y fue autor de

entradas en diccionarios, prólogos en obras de otros autores, textos para catálogos de exposiciones de pintura y para libros sobre artes plásticas. También formó parte de jurados de concursos literarios y ofreció ponencias y conferencias sobre literatura y cultura portuguesas. Además fue la primera persona designada con el título de “Doctor Honoris Causa” por la Universidad Senior de Setúbal, Portugal, en julio de 2010.

“La poesía no se inventó para cantar el amor”, aclara Eça de Queiroz en “La correspondencia de Fradique Mendes”, resistiendo posiblemente a una cierta tendencia suya contemporánea hacia lo sentimental, una especie de pecado original del Romanticismo. Por el contrario, Parreira defiende que la Poesía “nació con la necesidad de celebrar magníficamente a los dioses y de conservar en la memoria, por la seducción del ritmo, las leyes de la tribu.” Tal vez por eso el autor se había dedicado a celebrar la divinidad, pero también hizo cuestión de pasar revista en su poética a las memorias de la infancia que lo marcaban. Una cuestión de conservar vivas la fe como la memoria.

Sabiéndose que el hombre es inseparable de su circunstancia, como decía Ortega y Gasset, las memorias no nos pertenecen, como una especie de sótanos de trastos viejos o como piezas de un mobiliario antiguo que nos acostumbramos ver en un determinado espacio físico que habitamos. Las memorias no solo forman parte de la masa humana de la que estamos hechos, como la determinan, en mayor medida; de ahí su importancia. De ahí el interés que la Poesía tiene por ellas.

Ya Pablo Neruda, en “Nací para nacer” (su discurso en la entrega del Premio Nobel de Literatura de 1971), se negaba terminantemente a dar orientaciones a otros sobre el arte poético, y pensaba de la Poesía que *“es una acción pasajera o solemne en la que entran en medidas dosis la soledad y solidaridad, el sentimiento y la acción, la intimidad de la propia persona, la intimidad del hombre y la revelación secreta de la Naturaleza.”* Esto es, tanto lo fortuito como lo pensado, tanto lo profano como lo sagrado, tanto el ser humano en su soledad e interioridad como en relación e interacción con los otros y con el mundo, tanto la reflexión como la acción, constituyen el espacio privilegiado y vocacional de la Poesía. Tal vez por eso J. T. Parreira va desde momentos intimistas a la vida cotidiana y comunitaria, desde la historia judío-cristiana a la mitología greco-romana, del hombre de la calle a los artistas, músicos y poetas, del lado más negro de la Europa hitleriana a la pureza de un niño o al vuelo de una ave en un límpido cielo azul.

De hecho, es difícil por no decir ingrata, la tentativa de compartimentar el producto poético de un autor. O también, diría hasta clasificarlo de forma rígida. En cierta medida es eso que defiende Eugénio de Andrade en “Rostro precario”. “El acto de creación es de naturaleza oscura: en él es imposible distinguir lo que es de la razón y lo que es del instinto, lo que es del mundo y lo que es de la tierra.” Todo se mezcla, se confunde y se hace presente en el universo del sentir poético.

Por otro lado, el poeta es indisociable de su Poesía, aunque algunas veces el yo poético que se presenta exprese sentimientos que no lo animan como persona en el momento en que escribe, porque el poeta vive también por los otros. Observa el sufrimiento de los hombres y de las mujeres, reflexionando sobre él pero sin conformarse con su fatalidad y aceptación pasiva. De acuerdo con Teixeira de Pascoaes en “La Saudade y el Saudosismo”, *“sin Poesía no hay Humanidad”,* ya que ella constituye *“la más profunda manifestación de nuestra alma”*.

Más aún, de una forma general, es inevitable que “el poeta va naciendo con el poema” – como añade Eugénio de Andrade – *“para la más efímera de las existencias”,* ya que son las palabras y su circunstancia que van creando el poema, de modo a que *“este se extinga para dar lugar a la fulguración del poema”,* o *“que deje de ser para que el poema sea, y dure, y su fuego se comunique al corazón de los hombres.”*

Pero la originalidad de J. T. Parreira probablemente no provenga de su instinto o de cualquier intuición secreta que le asistiese. Edgar Allan Poe, en su “Filosofía de la Composición”, dice que es necesario perseguir esa originalidad, buscarla con ahínco, pues defiende que tal principio *“exige menos invención que de negación”*. Quiere decir que *“las opciones y rechazos largamente ponderados, las tan difíciles enmiendas y añadiduras”,* finalmente constituyen el *modus operandi* del poeta.

Esa es una de las dificultades y angustias de quien escribe, dejar atrás una parte de sí, en detrimento de otras, en el momento dado del acto creador, por efecto de tales opciones, negaciones y rechazos, como quien se obliga a escoger un único camino cuando tiene voluntad de seguir por dos o tres al mismo tiempo, bajo pena de no salir del mismo sitio.

El hecho de que una de las temáticas recurrentes del autor sea el holocausto nazi, sin olvidar uno de sus últimos libros de poemas, “Los zapatos de Auschwitz”, lo es porque la temática le interesa mucho como demostración elocuente, aunque siempre sorprendente, de la bestialidad humana debidamente documentada por la historia del siglo XX, sin necesidad de que João Tomaz Parreira o alguien próximo lo hayn vivido directamente.

Es curioso que Fernando Pessoa, en “Eróstrato”, afirme que resulta mucho más fácil *“escribir un buen poema sobre una mujer que le interesa mucho que sobre una mujer por la cual está profundamente apasionado”*, ya que la inmensa emoción es egoísta y *“deja las manos demasiado frías para escribir”*. El distanciamiento cuando baste será buen consejero cuando se trate de escribir sobre momentos y experiencias de vida que invocan profunda conmoción o inusitado sufrimiento.

Para los que todavía piensan que la intelectualidad portuguesa tiene menos contenido que la de la Europa del norte – por ejemplo, la alemana – porque la historia y la cultura literarias en la lengua de Camões se sustentan

preferentemente en la Poesía, al contrario que otras de tradición más filosófica, diré como Aristóteles, que *“la poesía es más profunda y filosófica que la historia.”* Probablemente, para el viejo filósofo griego, la Historia será un registro interpretativo de la complejidad de hechos e intenciones de lo ya vivido, pero la Poesía será un registro siempre presente en los sentimientos y emociones, siendo que el mundo sensorial explica e implica muchas veces más que la pura y fría racionalidad. Y Platón parece estar de acuerdo con la idea, cuando afirma que *“la poesía está más próxima a la verdad vital que la historia.”*

La universalidad temática apreciada en la poesía del autor nos dice algo, no solo sobre su vasta cultura literaria y su riqueza como persona permanentemente atenta al mundo de los hombres, pero sobre todo sus preocupaciones como ser humano, con los otros seres humanos, sus hermanos, teniendo en cuenta sus sufrimientos, sus angustias existenciales, las circunstancias de vida de experimentan, incluyendo las luchas, fracasos y victorias, contingencias típicas de quien no se consigue salvar de sí mismo.

Pero el hecho es que también la estética, la belleza, la espiritualidad y la esperanza habitan simultáneamente en su poesía, en la revelación de alguien que, siendo conocedor de las sombras de la existencia humana, también así consigue abrirnos la ventana oportuna de aire y luz, de forma que podamos ver a los pájaros en su vuelo matinal. Un poco en la línea de Dostoievsky (creo), que

pensaba que “solo la belleza salvará al mundo”. El arte poético del autor es, por lo tanto, extremadamente genuino, llevando su marca personal.

En cuanto a mí, puedo decir que João Tomaz Parreira aprendí a entrar a trabajar en mi propio taller de poesía, y con él recorrí numerosas millas en los sendas poéticas. Por eso mismo temo que tal circunstancia no haga de mí, posiblemente, la persona más libre para comentar sobre su persona y obra. Además porque, como nos dice Florbela Espanca, ser poeta, *“¡es ser más alto, es ser mayor / que los hombres! / ¡Morder como quien besa!”*, y otras radicalidades del género, convengamos que se trata de un oficio exigente y hasta peligroso....

Pero creo que bien merece la pena prestar atención al arte poético y darnos el derecho de disfrutar, cuando la poesía de J. T. Parreira nos ayuda a ver que, y cito un fragmento del poema “Encargo a Stravinsky”:

“Stravinsky
enciende pájaros
La partitura de donde los ángeles
tiran las riendas de los címbalos
y pastores suben con los rebaños
en las vigiliass del cielo
La partitura de donde un arco
de *cello* cierra el silencio.”

José Brissos-Lino

Setúbal, febrero de 2019

TRAVESSIA DO MAR VERMELHO
E OUTROS POEMAS

Paso del Mar Rojo y otros poemas

TRAVESSIA DO MAR VERMELHO

O que nos movia para a margem
do mar vermelho, o desejo com asas
tranquilas e os olhos com a doce lágrima
da liberdade,
mesmo sob a febre do deserto? Movia-nos
uma terra que não conhecíamos, ainda
perto do egipto e com os cascos dos cavalos
egípcios a partirem o silêncio sagrado do chão
montadas e cavaleiros confiantes
na perseguição. O que movia um povo,
cujo censo estava nas estrelas, multidão escondida
para a margem do mar? A esperança juvenil dos
velhos,
o útero das mulheres jovens
para darem à luz no leite e no mel
da terra prometida?

19-04-2016

PASO DEL MAR ROJO

*¿Qué nos movía hacia la orilla
del mar rojo, el deseo con alas
tranquilas y los ojos con la dulce lágrima
de la libertad,
aún bajo la fiebre del desierto? Nos movía
una tierra que no conocíamos, todavía
cerca de egipto y con los cascos de los caballos
egipcios rompiendo el silencio sagrado del suelo
caballería y caballeros confiados
en la persecución. ¿Qué movía a un pueblo,
cuyo censo estaba en las estrellas, multitud escondida
para ir a la orilla del mar? ¿La esperanza juvenil de
los viejos,
el útero de las mujeres jóvenes
para dar a luz en la leche y en la miel
de la tierra prometida?*

19-04-2016

A FONTE

Onde quer que fosse, ouvi uma mulher chorar
purificava os olhos
misturava as lágrimas com a água da fonte
nenhuma pérola era desperdício
a rolar pela face, onde quer que fosse
uma mulher chorava, sentada à beira do sol
que enchia o poço de Jacob.

05-09-2016

LA FUENTE

*Donde quiera que fuese, oía llorar a una mujer
purificaba los ojos
mezclaba las lágrimas con el agua de la fuente
ninguna perla era desperdicio
rodando por la cara, donde quiera que fuese
una mujer lloraba, sentada a la orilla del sol
que llenaba el pozo de Jacob.*

05-09-2016

A DÚVIDA DOS AMIGOS DE EMAÚS

Temos de chegar a casa, tão longe de casa
Este tempo todo em que Ele vivia
E agora, as folhas das figueiras crescerão
Sozinhas, os figos esperados virão com a tristeza
De não ouvirmos mais a sabedoria
Os nossos olhos não terão com quem falar
Ele morreu e nós esperámos
Que a morte pudesse clarear estes dias
De incerteza e Ele se erguesse do túmulo
Temos de chegar a casa, lá está tudo
Tão silencioso.

23-04-2017

LA DUDA DE LOS AMIGOS DE EMAÚS

*Tenemos que llegar a casa, tan lejos de casa
Este tiempo todo en que Él vivía
Y ahora, las hojas de las higueras crecieron
Solitas, los higos esperados vinieron con la tristeza
De no escuchar más la sabiduría
Nuestros ojos no tendrán con quien hablar
Él murió y nosotros esperamos
Que la muerte pudiese clarear estos días
De incertidumbre y Él se levantara del túmulo
Tenemos que llegar a casa, allá está todo
Tan silencioso.*

23-04-2017

ESTÁTUA DE SAL

Quando te perdeste na estrada periférica de Sodoma
Não conhecias ainda o tempo da Páscoa, a libertação
Através da entrega à morte dos cordeiros
Por um povo, quando te perdeste no caminho
Que deveria ser de costas para Sodoma
Dizias deve ser engano com tanto
Esplendor no céu, apesar dos pássaros
Voando saírem apressados
Não chegarias a ser velha, grisalha, as rugas
Cruzando como deltas o teu rosto.

15-10-2016

ESTATUA DE SAL

*Cuando te perdiste en el camino secundario de
Sodoma
No conocías todavía el tiempo de la Pascua, la
liberación
Mediante la entrega a la muerte de los corderos
Por un pueblo, cuando te perdiste en el camino
Que debería ser de espaldas a Sodoma
Decías debe ser engaño con tanto
Esplendor en el cielo, no obstante que los pájaros
Volando salieron apresurados
No llegarías a ser vieja, canosa, las arrugas
Cruzando como deltas tu rostro.*

15-10-2016

SALMO PROFANO

Não, para além do vale da sombra da morte
Vais andar, da estrela de seis pontas a golpes
De chicote, da auto negação
Do respirar o vácuo em vagões de gado
Até aos pulmões cheios de gás, Sulamita
Não, os teus cabelos não são os loiros
Cabelos de Margarete, nem os teus filhos
Dádivas de Deus, ao teu corpo nu
e à cabeça calva voltariam os carrascos
A esmagar a tua face contra o lodo
Não, estiveste sempre sob o fumo
E as cinzas que caíam e subiam de Auschwitz.

20-05-2016

SALMO PROFANO

*No, hacia más allá del valle de la sombra de la muerte
Vas a andar, de la estrella de seis puntas a golpes
De látigo, de auto-negación
Del respirar el vacío en vagones de ganado
Hasta los pulmones llenos de gas, Sulamita
No, tus cabellos no son los rubios
Cabellos de Margarete, ni tus hijos
Dádivas de Dios, a tu cuerpo desnudo
Y a la cabeza rapada volverían los verdugos
A destrozar tu rostro contra el barro
No, estuviste siempre bajo el humo
Y las cenizas que caían y subían de Auschwitz.*

20-05-2016

O CÂNTICO DE HABACUQUE

Ainda que na figueira os meus olhos
só desarrumem as folhas a procurar o fruto
Ainda que as videiras deem apenas o murmúrio do
vento
e a oliveira me engane com a sua leveza
Que os joelhos
da malhada se arrastem nas pedras, sem
alegres mugidos o silêncio dos currais
e mintam as sombras no campo
e não encontre a seara
A alegria do Senhor será as minhas asas
E no meio do meu coração
Os passos de Deus andam comigo.

14-03-2014

EL CÁNTICO DE HABACUT

*Aunque en la higuera mis ojos
solo desordenen las hojas buscando el fruto
Aunque las vides ofrezcan solo el murmullo del viento
Y el olivo me engañe con su fragilidad
Que las rodillas
de las ovejas se arrastren en las piedras, sin
alegres mugidos el silencio de los corrales
y mientan las sombras en el campo
y no encuentre la cosecha
La alegría del Señor serán mis alas
Y en medio de mi corazón
Los pasos de Dios andan conmigo.*

14-03-2014

SANSÃO E DALILA, DE RUBENS, 1609

Os cabelos adormecidos no colo de Dalila, a sua
força
Ninguém conhecia, só ele diante dos espelhos
Uma força de boi
Apaziguado no regaço de Dalila, um abismo
Num belo corpo a chamar os olhos de Sansão
O que os seus cabelos dizem, o descuido?
Está com a mulher que ama, que importa a pátria
Que importa o amor impróprio, que importa o sono
Nesse leito impuro, sequer os inimigos
Só a mulher que lhe iria secar o coração.

03/07/2018

SANSÓN DALILA, de RUBENS, 1609

*Los cabellos adormecidos en el cuello de Dalila, su
fuerza*

Nadie conocía, solo él delante de los espejos

Una fuerza de buey

Apaciguado en el regazo de Dalila, un abismo

Un hermoso cuerpo llamando a los ojos de Sansón

¿Qué es lo que dicen sus cabellos, el descuido?

Está con la mujer que ama, qué importa la patria

*Que importa el amor inapropiado, qué importa el
sueño*

Rn ese lecho impuro, siquiera los enemigos

Solo la mujer que le secaría el corazón.

03/07/2018

TRANSCRIÇÃO DE UMA CONVERSA PESSOAL

Salvaste-me, deves recordar-te.
Sou aquele dos olhos castanho-esverdeados,
que antes de adormecer lia salmos
e ficava com ribeiros de água fresca
nos ouvidos, escutava
todas as histórias da Bíblia e amava-te por isso,
porque te sentia tão ali à mão, bastava chamar-te,
apesar de não conseguir alcançar o tamanho
do teu Nome. Tu aceitaste todos os meus
arrependimentos,
mesmo aquele quando na infância arranquei
todos os pêssegos verdes da árvore
do meu tio alentejano e a família disse ele
e as suas traquinices.
Tu não, salvaste-me, deves lembrar-te.

01-07-2015

TRANSCRICCIÓN DE UNA CHARLA PERSONAL

*Me salvaste, debes recordar.
Soy aquel de los ojos castaño-verdosos
que antes de dormir leía salmos
y quedaba con arroyos de agua fresca
en los oídos, escuchaba
todas las historias de la Biblia y te amaba por eso,
porque te sentía tan allí a la mano, bastaba llamarte,
a pesar de no alcanzar el tamaño
de tu Nombre. Tú aceptaste todos mis
arrepentimientos,
también aquel cuando en la infancia arranqué
todos los melocotones verdes del árbol
de mi tío alentejano y la familia dijo él
y sus travesuras.
Tú no, me salvaste, debes recordar.*

01-07-2015

SOZINHO NO JARDIM

A morte preparava os raios da próxima manhã
Ele está acordado, a única maneira de ascender
Ao Pai, é a sua oração
No escuro, em seguida forma um cálice
De palavras cheio de agonia
Se fosse possível passar, pediu com os olhos
Afastando as sombras do jardim

SOLO EN EL JARDIN

*La muerte preparaba los rayos de la próxima mañana
Él está dormido, la única forma de subir
Al Padre, y su oración
En lo oscuro, pronto forma un cáliz
De palabras lleno de agonía
Si fuese posible pasar, pidió con los ojos
Apartando las sombras del jardín*

UM SONETO IMPERFEITO

Elevo os meus olhos para os montes, começo
pelas colinas distantes do buraco
em que me encontro e já soube
a maneira de os transportar, estão ali,

espessos como o caudal da noite ou como a luz
do sol, que nos fecha os olhos,
ou como o cimento armado dos altos
prédios que abatem a sombra sobre mim,

entre a cidade empoeirada, olho para os montes
tenho poucas roupas, velhas, uma máquina de
escrever
e um único salmo publicado num jornal,

o socorro virá de onde? Deus
começo a sentir que os meus pés
se firmam na crosta da tua montanha sagrada.

20-10-2014

UN SONETO IMPERFECTO

*Elevo mis ojos a los montes, comienzo
por las colinas distantes del pozo
donde me encuentro y ya supe
la manera de transportarlos, están allí,*

*espesos como el caudal de la noche o como la luz
del sol que nos cierra los ojos,
o como el concreto armado de los altos
edificios que abaten la sombra sobre mí,*

*entre la ciudad polvorienta, miro hacia los montes
tengo pocas ropas, viejas, una máquina de escribir
y un único salmo publicado en un periódico,*

*¿de dónde vendrá el auxilio? Dios
comienzo a sentir que mis pies
se afirman en la corteza de tu montaña sagrada.*

20-10-2014

ECLESIASTES, 2

Empreendi grandes obras
edifiquei a alegria nas casas, plantei
vinhas, fiz jardins de todas as cores
os pomares são altos relevos no vento
Tudo é vaidade, mesmo a morte
não é nova debaixo do solo.

ECLESIASTÉS, 2

*Emprendí grandes obras
edifiqué la alegría en las casas, planté
viñas, hice jardines de todos los colores
los manzanos son altos relieves en el viento
Todo es vanidad, también la muerte
no es nueva bajo el suelo.*

JONAS

Eu não sou ninguém. Deixem-me dormir!
(do poema Talvez me chame Jonas)
León Felipe

Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama
contra ela
dizia Deus, enquanto em Jope os remadores
exercitavam
os músculos para o remo
a longa viagem para Társis através dos altos
castelos do mar, deixem que os conquiste
através do sono, deixai-me dormir
homens do mar, deixai-me rasgar o asfalto
das águas nos meus sonhos, aqui
no recanto mais escuro do navio
Mas é no mar que se faz a tempestade
O meu corpo por um barco e sua carga
e os homens, com os olhos sem outra chave
senão o medo para abrir a alma
e foi tudo
até que o grande peixe me fechou
na sua caverna, nas raízes do mundo
Levanta-te, vai à grande cidade de Ninive, e clama
contra ela
disse de novo Deus, sentado à minha espera
abrindo os ferrolhos das trevas
e da ignorância das águas.

10/11/2013

JONÁS

Yo no soy nadie. ¡Déjenme dormir!
(del poema 'Tal vez me llame Jonás')
León Felipe

Levántate, ve la gran ciudad de Nínive, y clama
contra ella

Decía Dios, mientras en Jope los remeros ejercitaban
Los músculos para remar

El largo viaje hacia Tarsis a través de los altos
castillos del mar, dejen que los conquiste
a través del sueño, déjenme dormir
hombres del mar, déjenme rasgar el asfalto
de las aguas en mis sueños, aquí
en la esquina más oscura del navío

Pero es en el mar donde se hace la tempestad
Mi cuerpo por un barco y su carga
Y los hombres, con los ojos sin otra llave
si no el miedo para abrir el alma
y fue todo
hasta el gran pez me encerró
en su caverna, en las raíces del mundo

Levántate, ve hacia la grande ciudad de Nínive, y
clama contra ella

dice de nuevo Dios, sentado a mi espera
abriendo los cerrojos de las tinieblas
y de la ignorancia de las aguas.

10/11/2013

O PROFETA ELIAS ENTRA NO CÉU

Num vento que deforma as nuvens
Elias ao som de cascos de fogo
entra no Céu
A poeira cósmica com que os astros
se aveludam
na via celeste é transparente
quase aproxima as estrelas, mesmo aquelas
que passaram de moda, enquanto fazem
cavalos imprevistos companhia
ao profeta que acabou de entrar no Céu.

EL PROFETA ELÍAS ENTRA EN EL CIELO

*En un viento que deforma las nubes
Elías al sonido de cascos de fuego
entra en el Cielo
La polvareda cósmica con que los astros
se aterciopelan
en la vía celeste es transparente
casi próxima a las estrellas, aunque ellas
pasaran de moda, mientras hacen
caballos imprevistos compañía
al profeta que terminó entrando en el cielo.*

JÓ

Pelo seu servo Jó, Deus pôs a mão divina
sobre o fogo
sobre o corpo a chaga
cresceria nos ossos e na carne
como blindagem de morte, agora
a cinza onde se senta é um silêncio
nenhum pecado nos seus lábios
sem filhos e sem ouro, apenas
uma ferida cega
Só Deus sabe, quando Jó se retirou
para morrer, o último sopro do sangue
quando chega.

31/05/2013

JOB

*Por su siervo Job, Dios posa la mano divina
sobre el fuego
sobre el cuerpo la llaga
crecería en los huesos y en la carne
como blindaje de muerte, ahora
la ceniza donde se sienta es un silencio
ningún pecado en sus labios
sin hijos y sin oro, tan solo
una herida ciega
Sólo Dios sabe, cuando Job se apartó
para morir, el último soplo de la sangre
cuándo llega.*

31/05/2013

**POEMA UM ANO DEPOIS DA
PARTIDA DE UM AMIGO**

Para o teólogo e pastor Alfredo Machado

Um Homem e a sua Bíblia, portador
De águas vivas, um cântaro nas mãos
com a sua camisa branca
confunde-se já com o horizonte, longe
A sua voz ainda está nos nossos ouvidos
Foi forte como um irmão maior
Entre os irmãos, partiu por causa da ciência
ainda não descoberta da morte
morreu com vontade do Céu.

24-06-2014

**POEMA UN AÑO DESPUÉS DE
LA PARTIDA DE UN AMIGO**

Para el teólogo y pastor Alfredo Machado

*Un Hombre y su Biblia, portador
de aguas vivas, un cántaro en las manos
con su camisa blanca
se confunde ya con el horizonte, lejos
Su voz todavía está en nuestros oídos
Fue fuerte como un hermano mayor
entre los hermanos, partió por causa de la ciencia
todavía no descubierta de la muerte
murió con voluntad de Cielo.*

24-06-2014

OS HÓSPEDES DE LOT

Numa praça de Sodoma, numa casa cercada
visíveis anjos na beleza do corpo
traziam ambos nos pés a cósmica poeira
a poeira da floresta das estrelas
lavaram a noite na casa de Lot
a noite dos seus olhos, e das mãos
se comeram o pão do amargor
Traziam ambos a urgência dos avisos
as palavras do Senhor.

LOS HUÉSPEDES DE LOT

*En una plaza de Sodoma, en una casa cercada
visibles ángeles en la belleza del cuerpo
traían ambos en los pies la cósmica polvareda
la polvareda del bosque de las estrellas
lavaron la noche en la casa de Lot
la noche de sus ojos, y de las manos
se comieron el pan de la amargura
Traían ambos la urgencia de los avisos
las palabras del Señor.*

.

MAGNIFICAT

Nada mais quieto que os ouvidos
se os lábios de Maria
a manhã pairava como calma
pluma desprendida de uma ave
O anjo em cada palavra decifrava
o código de Deus
como um profeta antigo
A luz atravessava o vento
cada vez que o anjo abria
com palavras o coração da Serva do Senhor
Nada mais quieto que o peito de Maria
pairando entre as ondas
de sangue e alegria.

MAGNIFICAT

*Nada más quieto que los oídos
si los labios de María
la mañana flotaba como calma
pluma desprendida de un ave
El ángel en cada palabra descifraba
el código de Dios
como un profeta antiguo
La luz atravesaba el viento
cada vez que el ángel abría
con palabras el corazón de la Sierva del Señor
Nada más quieto que el pecho de María
flotando entre las olas
de sangre y alegría.*

NAZARETH

Jesús mozo hacía casas

Miguel de Unamuno

Vivia numa pequena cidade
onde o limite do mundo
parava nas montanhas

Sua presença era discreta
como leve brisa que se ergue
desde a erva e sobe
até ao ar limpo das ramagens

Foi seu primeiro e não único
milagre a sabedoria
e erguer casas, como carpinteiro
foi o seu primeiro júbilo

Os dias passaram
deixando pó nas memórias
da infância, quem dele recordava
o seu olhar, o que dizia
sentia-se com um corpo
a saltar do chão para um rio em paz.

NAZARET

Jesús mozo hacía casas
Miguel de Unamuno

*Vivía en una pequeña ciudad
donde el límite del mundo
radicaba en las montañas*

*su presencia era discreta
como leve brisa que se levanta
desde las hierbas y sube
hasta el aire limpio de las ramas*

*Fue su primer y no único
milagro la sabiduría
el levantar casas, como carpintero
fue su primer júbilo*

*los días pasaron
dejando polvo en las memorias
de la infancia que de él recordaba
su mirada, lo que decía
se sentía como un cuerpo
saltando del suelo por un río en paz.*

VIVEU SEMPRE SEM CASA

Viveu sempre sem casa
sem mesa onde pousar os braços
cordiais exaustos da multiplicação
dos pães, sem chão
onde enxugar os pés de caminhar no mar
viveu sempre sem a seda oriental
da almofada, dormia sobre os caminhos
porque tinha a Hora a cumprir
não tinha terrenos, nem casas, nem sequer
a madeira com que fora em tempos carpinteiro

No dia em que morreu, todos
quiseram dar-lhe casa, uma rocha
aberta para o fundo
para poder descansar, um túmulo
quiseram por fim que habitasse
atrás do alto porte de uma pedra
esqueceram que Ele rompería
com seu corpo os atavíos
e o suave descanso da morte.

08/04/2012

VIVIÓ SIEMPRE SIN CASA

*Vivió siempre sin casa
sin mesa donde posar los brazos
cordiales exhaustos de la multiplicación
de los panes, sin suelo
donde enjugar los pies tras caminar en el mar
vivió siempre sin la seda oriental
de la almohada, dormía sobre los caminos
porque tenía la Hora cumpliéndose
no tenía terrenos, ni casas, ni siquiera
la madera con la que fue carpintero en otros tiempos*

*El día en que murió, todos
quisieron darle casa, una roca abierta hasta el fondo
para poder descansar , un túmulo
quisieron por fin que habitase
detrás del alto porte de una piedra
olvidaron que Él rompería
con su cuerpo los atavíos
y el plácido descanso de la muerte.*

08/04/2012

A ÚLTIMA CEIA

Bebam do meu copo antes que parta
antes que as minhas mãos
se desloquem e fiquem presas
ao silêncio da cruz, falem
à volta da mesa, encham de amor
a minha solidão, porque de todos
os vossos olhos há um
olhar de faca que me fere.

22/07/2013

LA ÚLTIMA CENA

*Beban de mi cuerpo antes que parta
antes que mis manos
se disloquen y queden sujetas
al silencio del a cruz, hablen
alrededor de la mesa, llenen de amor
mi soledad, porque de todos
vuestros ojos hay una
mirada de cuchillo que me hiere*

22/07/2013

NO DIA DA SUA MORTE

hoje os cordeiros sentiram calafrios
no leite materno, beberam
os trigos o orvalho do chão
inclinando as espigas
hoje o sol abrandou
o seu ímpeto de fogo
e cedeu
a angústia pesada das pedras
dos sepulcros
hoje neste dia desigual
todas as mães sentiram
estremecer o útero
porque na cruz
uns olhos bordados de doçura
sucumbiam.

EN EL DÍA DE SU MUERTE

*Hoy los corderos sintieron escalofríos
en la leche materna, bebieron
los trigos el rocío del suelo
inclinando las espigas
hoy el sol atenuó
su ímpetu de fuego
y cedió
la angustia pesada de las piedras
de los sepulcros
hoy en este día desigual
todas las madres sintieron
estremecer el útero
porque en la cruz
sucumbían unos ojos bordados
de dulzura.*

DE TI AMAREI TUDO

De Ti amarei tudo, o olhar
vestindo de esmeraldas
um pobre como Lázaro
Até a angústia
transparente do cálice
de Ti amarei as rosas do Jardim
únicas estrelas dessa noite

De Ti amarei tudo, o suor
iluminando o rosto
a tua cabeça voluntária
numa coroa de espinhos

Amarei tudo, até
as sandálias
em que Judas escondeu
os passos do destino.

DE TI AMARÉ TODO

*De Ti amaré todo, la mirada
vistiendo de esmeraldas
a un pobre como Lázaro
Hasta la angustia
transparente del cáliz
de Ti amaré las rosas del jardín
únicas estrellas de esa noche*

*De Ti amaré todo, el sudor
iluminando el rostro
tu cabeza voluntaria
en una corona de espinas*

*Amaré todo, hasta
las sandalias
donde Judas escondió
los pasos del destino.*

LEMBRANDO DAVID
Recordando a David

DAVID

Nenhum homem esteve mais perto
de Deus do que David
por razão da música e seus salmos
Quando tocava
a harpa, era Deus que respirava
Deus desfazia o silêncio nos dedos de David.

DAVID

*Ningún hombre estuvo más cerca
de Dios que David
por razón de la música y sus salmos
Cuando tocaba
el arpa, era Dios que respiraba
Dios deshacía el silencio en los dedos de David.*

DAVID E BATE-SEBA

Quem sou eu para condenar-te, David?
Não soubeste segurar os teus olhos
se como duas aves em busca da cor
os lançaste? Desceram da tua varanda
ao encontro da nudez
do amor.

DAVID Y BETSABÉ

*¿Quién soy yo para condenarte, David?
¿No supiste contener tus ojos
si como dos aves en busca del color
los lanzaste? Bajaron de tu terraza
al encuentro de la desnudez
del amor.*

A ESTRELA DE DAVID

E fez uma estrela de David
Bordou-a como se fosse uma flor
ou uma palavra no casaco
Disse agora vê-se que pertences
ao Seu povo escolhido

Para quê? Foi o que disseram
a palidez e a infância dos seus olhos.

16-03-2014

LA ESTRELLA DE DAVID

*E hizo una estrella de David
La bordó como si fuese una flor
o una palabra en la chaqueta
E fez uma estrela de David
Ahora dice se ve que perteneces
a Su pueblo elegido*

*¿Para qué? Fue los que dijeron
La palidez y la infancia de sus ojos.*

16-03-2014

SALMO QUE PODERIA SER DE DAVID

Mesmo que o vento apague
com altas nuvens o perfil dos montes
e sozinhos os meus olhos cheguem
ao fundo
de mim mesmo e não encontrem nada
E uma chuva cai das árvores
folhas e água oxidem o outono
e as palavras que esperava
se fechem na corola por faltar o sol
alçarei o meu coração
à beira dos céus
esperarei de lá
Quem me socorre

SALMO QUE PODRÍA SER DE DAVID

*Aunque el viento apague
con altas nubes el perfil de los montes
y solitos mis ojos lleguen
al fondo
de mí mismo y no encuentren nada
Y una lluvia cae de los árboles
hojas y agua oxiden el otoño
y las palabras que esperaba
se cierran en la corola porque les falta el sol
levantaré mi corazón
a la orilla de los cielos
esperaré de allí
Quien me socorra*

A LIÇÃO DE MÚSICA

Mas quando David enviava os sons da harpa
para os céus, a harpa seduzida
pelos seus dedos, um sorriso
assomava ao espírito de Saul.
Baixavam os olhos ao coração sanguíneo
via dentro de si o tranquilo
consolo que a música fazia, a mão
que levava odor a jardín
ao mesmo tempo que as pombas
se desprendiam das cordas
assim velava a harpa de David.

LA LECCIÓN DE MÚSICA

*Pero cuando David enviaba los sonidos del arpa
hacia los cielos, el arpa seducida
por sus dedos, una sonrisa
asomaba al espíritu de Saúl.
Bajaban los ojos al corazón sanguíneo
vía dentro de sí el tranquilo
consuelo que la música ofrecía, la mano
que llevaba aroma a jardín
al mismo tiempo que las palomas
se deshacían de las cuerdas
así velaba el arpa de David.*

ELEGIA DE DAVID QUANDO PERDEU UM FILHO

Se eu encostar a minha lira ao silêncio
apaziguarei a minha dor?

Decretaste, Senhor, aí em cima,
poupar a vida da criança?
Não estão nuas ainda as minhas preces?
Os meus lábios movem-se em sobressaltos

De saco e cinza me visto e na terra me deito
emerge dos meus poros a água
da tristeza e o sangue desta minha dor
que reverte ao coração

Ó meu coração isolado do mundo

Porque morreu o menino, com a mesma pureza
com que vive um pássaro
até cair da sua linha invisível do céu

A sua vida vai deixar a minha
poderei eu fazê-la voltar?

Ó pequena criatura, que foste a figuração
do meu amor inacabado
Eu um dia irei para ti, porém tu
não voltarás para mim

10/5/2013

ELEGÍA DE DAVID CUANDO PERDIÓ UN HIJO

*Si yo aparco mi lira al silencio
¿apaciguaré mi dolor?*

*¿Decretaste, Señor, ahí arriba,
ahorrar la vida de la criatura?
¿Todavía no están desnudas mi oraciones?
Mis labios se mueven en sobresaltos*

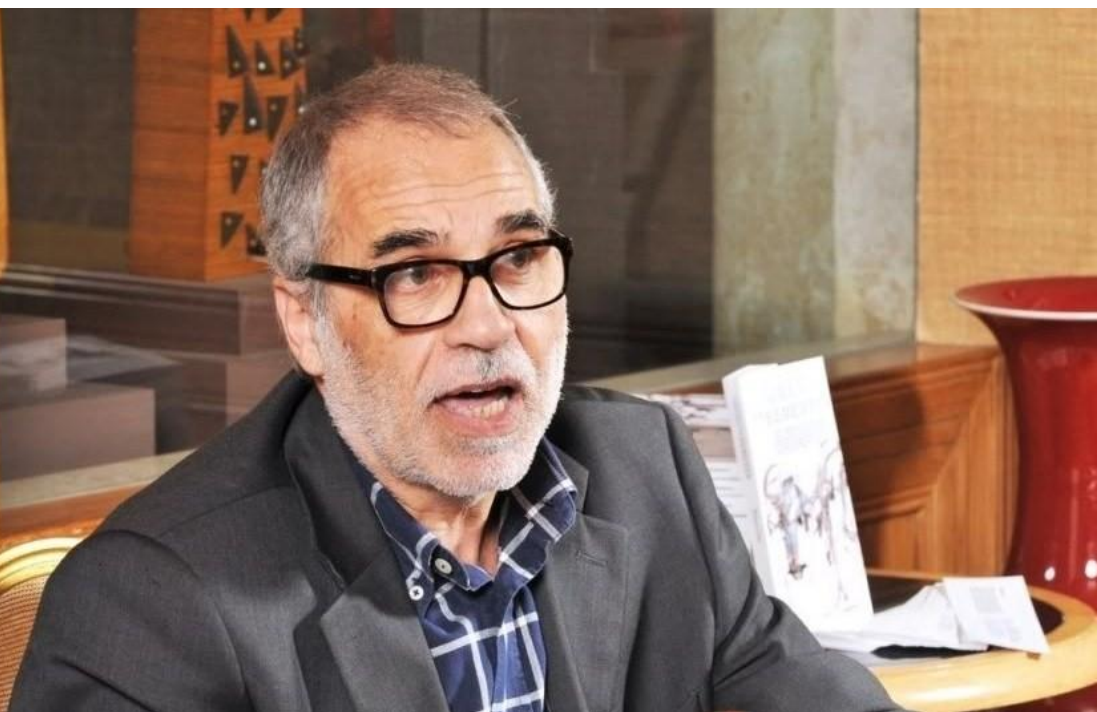
*De traje y ceniza me visto y en la tierra me echo
emerge de mis poros el agua
de la tristeza y la sangre de este mi dolor
que revierte al corazón*

Oh mi corazón aislado del mundo

*Porque murió el niño con la misma pureza
con la que vive un pájaro
hasta caer de su línea invisible del cielo*

*Su vida va a dejar la mía
¿podré yo hacerla volver?
Oh pequeña criatura, que fuiste la figuración
de mi amor inacabado
Yo un día iré por ti puesto que tú
no volverás a mí*

10/5/2013



J. T. Parreira (Lisboa, 1947 – Aveiro, 2018). Uno de los más importantes poetas evangélicos en lengua portuguesa. En vida publicó seis poemarios impresos: *Este Rosto do Exílio*, 1973; *Pedra Debruçada no Céu*, 1975; *Pássaros Aprendendo para Sempre*, 1993; *Contagem de Estrelas*, 1996; *Os Sapatos de Auschwitz*, 2008; y *Encomenda a Stravinsky*, 2011. También los siguientes E-books: *Falando entre vós com Salmos*:

Cânticos Davídicos; Na Ilha Chamada Triste; Aquele de cuja mão fugiu o Anjo; Quando era menino lia o Salmo Oitavo; Nove Penas para Sylvia Plath; As Crianças do Holocausto; Piquenique no Éden; Certo Homem tinha dois filhos; No Máximo, Seis Versos; Sou Lázaro e vou recomeçar y Como Quem Ia Para Longe (este, de cuentos), entre 2010 y 2018. En 1974 propició -con Joanyr de Oliveira, en Brasil y ambos com José Brissos-Lino en Portugal- el movimiento por la Nueva Poesía Evangélica. En Rio de Janeiro participou en la Antologia da Nova Poesia Evangélica (1977). Está presente en el Proyecto Vercial, la mayor base de datos de la literatura portuguesa.

